

FUNDAÇÃO OJB: ARTE - CULTURA

Ronaldo Werneck

Era 1998 e eu voltara a residir em Cataguases, após mais de 30 anos de Rio de Janeiro – os últimos cinco desses como Assessor de Comunicação e Editor de Textos do CCBB-Centro Cultural Banco do Brasil. Quem também voltara a residir na cidade era minha amiga Mônica Botelho, que acabara de assumir a presidência da Fundação Ormeo Junqueira Botelho. Convidado por ela, eu passei a redigir textos para as atividades que aconteciam no recém-criado Anfiteatro Ivan Müller Botelho, construído em terreno anexo ao então Museu da Eletricidade, hoje Museu Energisa. E, logo a seguir, a assinar os textos para os demais eventos programados pelos vários braços da Fundação, as chamadas Usinas Culturais.

Começou ali nossa parceria, que iria se estender ao longo de toda a década seguinte e que me proporcionaria imenso prazer ao voltar a trabalhar com cultura, como nos tempos do CCBB. O Anfiteatro foi um acontecimento em Cataguases: um espaço que assinalou um momento de grande importância na história da Fundação. E foi palco de grandes eventos musicais e teatrais com artistas de projeção nacional e uma ativa participação do público, principalmente para música instrumental, fato até então inédito na cidade. A partir dali, a efervescência inicial das atividades programadas para o Anfiteatro se estenderiam com o passar dos anos para outros espaços.

É quando, no raiar do novo século, a Fundação Ormeo Junqueira Botelho assume definitivamente o seu papel fundamental, o de maior importância, e torna-se um marco como a grande incentivadora das artes e da cultura também em outras localidades. Sim, não só em Cataguases como também nas demais cidades que fazem parte da área de concessão do Sistema Cataguazes-Leopoldina, hoje Energisa. “Informar para formar. Formar para transformar” – o slogan que criei para a Fundação serve até hoje como uma de suas principais bandeiras.

Anfiteatro e Usinas Culturais

O Anfiteatro protagonizou papel fundamental ao servir como tubo de ensaio para futuros projetos da FOJB. Já neste século, por ali passaram nomes de grande projeção na música brasileira, como Elton Medeiros, Jards Macalé, Zé Renato, Moacyr Luz, Guinga, Tulipa Ruiz e vários outros renomados artistas – além de pratos da casa, como o grupo Choro e Canção Patápio Silva. Afora essa movimentação em sua sede de Cataguases, a Fundação passava a se fazer presente em várias outras cidades da área de atuação do Sistema Cataguazes-Leopoldina, hoje Energisa.

Essas atividades realizaram-se por meio do projeto Usinas Culturais, criado especialmente para atender a demanda das empresas do antigo Sistema Cataguazes-Leopoldina. Essas “Usinas” tinham como proposta a criação de espaços dedicados à cultura nas principais cidades abrangidas pela Empresa-mãe. Espaços dotados de

infraestrutura para a realização de espetáculos musicais, encenações teatrais e exposições de artes plásticas. Além disso, e mantendo vivo o escopo da arte-educação, ali foram desenvolvidas atividades como aulas e workshops de música, dança e teatro.

Bom lembrar aqui que projetos culturais destinados à comunidade escolar – um dos mais importantes trabalhos da Fundação – ganhariam grande reforço anos depois, quando em 07/08/2009 foi inaugurada em Leopoldina a Casa de Leitura Lya Maria Junqueira Botelho. Além de biblioteca, a Casa de Leitura passou a funcionar como espaço expositivo didático. Ali, temas que fazem parte da grade curricular das escolas ganham um tratamento especial em exposições cenográficas e interativas, atraindo enorme público. Em 2021, eu tive a honra de lançar na Casa de Leitura dois de meus livros mais recentes: o de poemas, “Momento Vivo”; e o ensaio histórico “Cataguases Século XX/antes & depois”.

A primeira dessas “Usinas” data de 1999 e foi formada a partir do núcleo inicial de Cataguases. A seguir, surgiram as Usinas Culturais de Leopoldina, Muriaé, Manhuaçu, Rio Novo, Nova Friburgo, Ubá e Guarani, além da unidade de João Pessoa no estado da Paraíba. Se o CCBB era conhecido por suas várias atividades culturais num mesmo local – o belo prédio da rua Primeiro de Março, no Rio –, a FOJB passava a ficar conhecida por espriar suas atividades culturais para várias cidades. Quer dizer, para mim a Fundação era uma espécie de vários CCBBs – e meu trabalho nela me atraía cada vez mais.

Todas as atividades das várias Usinas Culturais eram cobertas pelas matérias divulgadas pelo jornal “Usina Cultural”. Era uma sofisticada publicação em papel couchê, quatro cores em todo o miolo, formato diferenciado, ilustrado com um grande rol de imagens clicadas pelo fotógrafo Humberto Ribeiro e trabalhadas pelo também fotógrafo e artista gráfico Henrique Frade. O projeto gráfico era de ninguém menos que a própria presidente da Fundação, Mônica Botelho. Eu tive o prazer de ser o redator e editor do “Usina Cultural” ao longo dos vários anos de sua existência. No ano 2000, foi ali, na Anfiteatro Ivan Müller Botelho da Usina Cultural de Cataguases, que eu gravei num show ao vivo o meu CD “Dentro & Fora da Melodia”, patrocinado pela Empresa por meio da Lei de Incentivo à Cultura.

Museu Chácara Dona Catarina

Foi também no virar do século que a Fundação reafirmou seu compromisso com o aspecto do interesse público e social de sua atuação e passou a participar ainda mais fortemente de projetos com esse viés, como a restauração arquitetônica de lugares públicos históricos e projetos de natureza sociocultural. Impulsionadas por necessidades da área cultural, grandes obras foram concluídas, principalmente na cidade de Cataguases.

Naquela época eu já assumira funções semelhantes às do CCBB, como Assessor de Comunicação e Editor de Textos da Fundação, trabalhando diariamente em mesa ao lado da presidente Mônica Botelho. Foi quando a FOJB finalizou a completa restauração da Chácara Dona Catarina – que até 2010 funcionou como Museu voltado para mostras de artes plásticas, num amplo universo que englobava da arte popular às mais ousadas manifestações contemporâneas.

Inaugurado no ano 2000 com a exposição do pintor e gravador Antonio Maia, o espaço do Museu Chácara Dona Catarina recebeu ao longo dos anos pintores e escultores reconhecidos nacionalmente – ocasião em que escrevi os textos de apresentação das exposições de Amilcar de Castro, Sonia Ebling, Dnar Rocha, Antônio Poteiro, Artur

Pereira, Mestre Ribeiro. Além desses, também vários artistas cataguasenses e da região: Altamir, Bonin, Luiz Lopez, Sérgio França, Silva Costa, Slotti, Sérgio Sabo, Elias Fajardo, Pedro Marcos, Henrique Frade, Cecília Cruz.

Foi no Museu Chácara Dona Catarina que encenei em 2002 a peça teatral que eu havia escrito, “O Mundo em Desconcerto: Camões a Florbela Espanca”, levada também logo depois ao espaço da Usina Cultural de Leopoldina. E foi ali ainda que, em 2005, tive o prazer de lançar meu livro de poemas “Revisita Selvaggia”, patrocinado pela Empresa por meio da Lei de Incentivo à Cultura, com a presença de vários poetas e artistas que a Fundação trouxe do Rio para prestigiar o evento.

O Museu abrigou ainda as duas edições do “Salão Cataguazes-Leopoldina de Artes Visuais” e grandes exposições iconográficas, como a dos “100 Anos de Carmen Santos”, os “100 anos da Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina” e “Cataguases Século XX”. E também a exposição “Tibete: Caminhos da Compaixão”, da fotógrafa Mariângela Chiari – eventos registrados em textos de minha autoria para os respectivos catálogos. As obras de restauração na Chácara proporcionaram ainda a abertura e entrega à população de uma nova e ampla praça. A *res publica* sempre a despertar os cuidados da Fundação Ormeo Junqueira Botelho.

CTM & CCHM

Ainda em 2000, a reforma da antiga Caixa D’água municipal deu lugar às modernas instalações do CTM, o Centro das Tradições Mineiras. Hoje denominado Pina-Ponto de Interações nas Artes – em homenagem à bailarina e coreógrafa alemã Pina Baush –, ali centenas de jovens e crianças das comunidades periféricas da cidade foram formados em dança, teatro, música por meio do Projeto Café com Pão Arte ConFusão.

Localidade onde o grande cineasta brasileiro Humberto Mauro realizou suas primeiras produções – exibidas em Cataguases no antigo Cine-Theatro Recreio –, nada mais justo que a cidade ganhasse um espaço à altura de seu nome. Inaugurado em 30 de abril de 2002, após rigorosa reforma no prédio do antigo Cine Machado, o Centro Cultural Humberto Mauro abriu suas portas mostrando modernas instalações: a Galeria Zequinha Mauro, espaço de exposições voltado para a fotografia e manifestações audiovisuais e o novo Cine-Theatro Recreio, hoje denominado Sala Paulo Cezar Saraceni, em homenagem ao saudoso cineasta, grande amigo da FOJB, um dos inúmeros cineastas presentes ao evento.

A Galeria foi aberta com mostra fotográfica do próprio Zequinha Mauro, e nos anos seguintes por ali passaram exposições de grandes fotógrafos, todas elas com seus catálogos registrados por textos de minha autoria. Do pioneirismo de Pedro Comello a artistas contemporâneos como Evgen Bavcar, Walter Carvalho, Mariângela Chiari, Rogério de Assis, Rogério Medeiros, Daniel Fachini, Henrique Frade. Por sua vez, a Sala Paulo Cezar Saraceni recebeu shows de renomados artistas do cenário nacional – de Guinga a Yamandu Costa, de Maria Alcina a Maria Lúcia Godoy, de Elton Medeiros a Hamilton de Hollanda. Em 2001, também eu tive o prazer de lançar no palco do Centro Cultural Humberto Mauro, em show ao vivo, meu cd “Dentro & Fora da Melodia”.

Foram ainda promovidas no CCHM palestras com escritores do porte de Alcione Araújo, Luis Fernando Verissimo, Marina Colasanti, Zuenir Ventura. Também ali realizaram-se inúmeras peças teatrais e de dança contemporânea, além da exibição de filmes

de várias nacionalidades. Ainda no segmento música, a grade da Fundação voltou a privilegiar com um festival as Bandas da Casa, e programar em suas Usinas Culturais o Festival de Cordas e espetáculos de Bossa Nova e moderna música brasileira, com artistas do porte de Danilo Caymmi, Hamilton de Hollanda, Nicolas Krassic e Marcel Baden Powell. Eu tive o prazer de ser o Coordenador do Centro Cultural Humberto Mauro nesses seus primeiros anos de intensas atividades.

O ano de 2002 seria ainda marcado pela inauguração de duas novas obras de arte a céu aberto, da maior importância para Cataguases – o Monumento a Humberto Mauro, uma escultura de grandes dimensões realizada pelo renomado artista Amilcar de Castro e instalada na avenida cujo nome homenageia o cineasta; e, na praça da Chácara Dona Catarina, a escultura Violeta, de Sonia Ebling, escolhida em processo de votação popular promovido pela Fundação. Esses trabalhos representaram a retomada de uma tradição cataguasense em abrigar obras de arte colocadas no espaço público, que vem dos anos 1940/1950.

Memorial & Cineport

A Fundação Ormeo Junqueira Botelho sempre se pautou pelo compromisso com os legados culturais recebidos. Concebido por Mônica Botelho, com projeto visual do arquiteto André Scarlazzari, inaugurou-se em 2007 no segundo pavimento do Centro Cultural o Memorial Humberto Mauro – após ter a Fundação adquirido o acervo do cineasta. Espaço multimídia dedicado à memória do grande pioneiro, o Memorial proporciona ao visitante um movimentado passeio pelo mundo do realizador e sua história, que é a própria história do cinema brasileiro. Mauro projetou o nome de Cataguases, ao fazer uma arte com características de exportação, ampliando os horizontes municipais. Nada mais justo que se projete agora na cidade o seu nome, e com todas as honras.

Assessorado por Júlio Mauro, sobrinho-neto do cineasta, eu realizei ao longo de mais de cinco anos extensa pesquisa nos arquivos de várias entidades – no Rio (CTAv/Funarte), em São Paulo (Cinemateca Brasileira) e no “Rancho Alegre”, o estúdio-residência de Humberto Mauro em Volta Grande. Desse trabalho resultou não só o material de que foi formado o Memorial, como também a série de pequenos documentários em vídeo que realizei sobre o cineasta e que se encontram à disposição dos visitantes em monitores dispostos no local. Foi também fruto dessas pesquisas que lancei em 2009 o meu ensaio-biográfico “*Kiríry Rendáua Toribóca Opé/ Humberto Mauro revisto por Ronaldo Werneck*”.

Humberto Mauro remete de imediato a cinema. Tanto a inauguração do Centro Cultural, que trouxe a Cataguases o primeiro time de nossos cineastas, quanto as pesquisas para o Memorial, acabaram por conduzir o foco da Fundação para nova e fascinante atividade. A ideia de se realizar um festival de cinema na cidade foi sendo repensada e seu formato desenhando-se aos poucos, até que se estruturasse como um grande festival que congregasse as cinematografias dos países que têm o português como língua oficial.

“A luz, a língua, o cinema” – escrevia eu em artigo publicado pela revista de bordo da TAP em 2006: “motores do Cineport, o Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa, que movimentou as ruas de Cataguases e da Zona da Mata em sua primeira edição ocorrida em junho de 2005. O Festival repercutiu em vários pontos do Estado de Minas, e também em todas as oito nações que formam a CPLP-Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”.

A equipe da Fundação voava para Lisboa e dali para a cidade de Lagos, no Algarve, onde se realizaria com grande êxito a segunda edição do Cineport. Nos anos seguintes, as outras etapas do Festival seriam realizadas em João Pessoa, na Paraíba, área de concessão da Energisa. Tendo Mônica Botelho como presidente – o Festival surgiu de uma ideia conjunta dela e de Henrique Frade – a Fundação fez desse projeto um ponto prioritário entre suas múltiplas atividades. Eu fui Diretor de Comunicação do Cineport (aliás, sigla criada por mim) e editor da Revista Eletrônica “Cineport na Tela”, que publicava diariamente os acontecimentos durante a realização das várias edições do Festival, no Brasil e no exterior.

Museu Energisa

Em agosto de 2012, eu escrevia em texto que seria plotado no dia 24 daquele mês em uma das paredes da exposição quando da abertura do Museu Energisa – que se encontra ali na Avenida Astolfo Dutra, ao lado da sede da Empresa, em um charmoso casarão que remete ao art nouveau:

“Começa aqui nosso passeio iluminado pelo Museu Energisa – que mostra o histórico de evolução da Empresa, paralelo à história da própria eletricidade. E começa pelo próprio começo: a teoria do big bang, a grande explosão que deu origem ao universo, que se encontra no corredor de entrada. Ali passamos também pelas diversas etapas da evolução do homem e de suas descobertas no campo da produção e transmissão de energia: o fogo, o vapor, o para-raios, as primeiras hidrelétricas”.

Meu texto, descrevendo o Museu como um todo, terminava com o parágrafo que se segue:

“Além de uma série de históricas imagens, compreendendo o período 1905-1923, estão expostos nessa sala inúmeros equipamentos utilizados no levantamento da Usina Maurício, a hidrelétrica-matriz, inaugurada em 1905: ferramentas e instrumentos de topografia e medição, teodolitos, bússolas, altímetros, amperímetros. De frente para o passado – mas com o fio conectado à tomada do presente-futuro –, seguimos então passo a passo a longa e bem-sucedida trajetória da Força e Luz e de sua expansão. Desde o início até chegar à Energisa, sua denominação atual”.

Fundação 35 anos

Alguns dias após sua palestra no Centro Cultural Humberto Mauro, dentro do Projeto Grandes Escritores, recebo email da escritora Marina Colasanti: “Ronaldo querido, Affonso (*o poeta Affonso Romano de Sant’Anna, seu marido*) ainda não chegou, virá tarde hoje à noite, estou repassando tudo para o computador dele (*eu mandara alguns textos, alguma coisa sobre Cataguases que ela me pedira*). Obrigada pelo carinho e generosidade. Ainda bem que Cataguases gostou de mim, porque também gostei dela. E um beijo para Mônica (*Botelho*), fiquei entusiasmada com ela, com sua atividade, com o perfil que está imprimindo à cidade”. Dias depois, era o próprio Affonso quem me escrevia: “Ronaldo, Marina voltou encantada de conhecer melhor essa parte viva, pulsante de Minas, essa Cataguases única”.

Pois é, “essa Cataguases única” deve muito a Mônica Botelho. Ainda agora, neste ano de 2022, convidado por Eduardo Mantovani, o atual presidente da Fundação Ormeo Junqueira Botelho, li no Centro Cultural Humberto Mauro pequeno texto escrito em

comemoração aos 35 anos da FOJB. Terminei este depoimento com o parágrafo final desse meu texto:

“Hoje, quando a Fundação completa seus 35 anos, o Centro Cultural 20 e o Memorial Humberto Mauro 15, eu acrescentaria a esse texto, e acrescento agora, a importância de Mônica Botelho para a Fundação como um todo. Se nos 1940 o escritor e industrial Francisco Inácio Peixoto foi de fundamental importância para a formação de uma Cataguases arquitetonicamente modernista, a partir do início deste século Mônica Botelho passa a ocupar o seu papel. E com todo o direito. Ela é a grande propulsora da arte e da cultura na cidade. Seu nome está perenemente gravado como tal e será lembrado a cada vez que os cataguasenses e visitantes se depararem com os monumentos artísticos/culturais que aqui se encontram – e seu para sempre legado”.

Ronaldo Werneck

Cataguases, 12.09.22